

EXPERIÊNCIAS DE ALUNOS COM SURDOCEGUEIRA NA SALA DE ESTIMULAÇÃO SENSORIAL

Experiences of deafblind students in the sensory stimulation room

Heniane Passos Aleixo¹

Thaís Philipsen Grützmänn²

RESUMO

O presente artigo é um relato de experiência das necessidades percebidas na Escola Especial Professor Alfredo Dub, escola de surdos com proposta bilíngue, no município de Pelotas (RS), para o atendimento de crianças surdas e com surdocegueira. O texto fala brevemente sobre a história da escola e sua importância; sobre o surgimento do interesse da autora por esta área e sua procura por formação especializada. Relata ainda o ingresso de novos alunos na escola, momento em que foi percebida, pela direção da escola, a necessidade de oferecer atendimento adequado às necessidades dessa clientela. Apresenta-se, assim, a sala de estimulação sensorial – como foi

ABSTRACT

The present article is an experience report of the perceived needs in the Special School Alfredo Dub, a school for the deaf that presents a bilingual proposal in the city of Pelotas/RS, to the service of deaf and deafblind children. The text briefly discusses the history of the school and its importance, the emergence of the interest of the author regarding this area and her pursuit for specialized education. Further, it reports the entry of new students in the school, from which the school management realized the need to offer an adequate service

¹ Escola Especial Professor Alfredo Dub – EEPAD, Pelotas, RS; heniane@gmail.com.

² Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, RS; thaisclmd2@gmail.com.

sendo pensada e constituída, a ajuda financeira para sua efetivação e como é realizado cada atendimento dentro desse ambiente. Destaca-se a emergência de outros profissionais envolvidos para trabalhar com esses alunos e, por fim, os resultados positivos que têm surgido perante a comunidade.

to the needs of this customers. Thus, the sensory stimulation room is presented, how it has been thought and composed, the financial help for its establishment, and how each assistance is performed in this environment. It is highlighted the emergent need of other professionals involved to work with these students, and, finally, the positive results that have emerged before the community.

PALAVRAS-CHAVE

Estimulação sensorial; Surdocegueira; Experiências visuais; Atividades e jogos adaptados.

KEYWORD

Sensory stimulation; Deafblindness; Visual experiences; Adapted activities and games.

Introdução

O presente artigo é um relato de experiência sobre a implantação de uma sala de estimulação sensorial para alunos com surdocegueira e deficiência múltipla sensorial, na Escola Especial Professor Alfredo Dub, localizada no município de Pelotas (RS). Essa escola tem uma proposta bilíngue de ensino aos alunos surdos, e nos últimos três anos vem investindo no ensino e no estímulo dos alunos com surdocegueira. É a escola de surdos mais antiga do Rio Grande do Sul (RS), e neste ano (2019) completa 70 anos de história. Buscando a melhoria no ensino e apostando na qualificação de seus profissionais, agora também está inovando ao criar a primeira sala de estimulação sensorial específica para pessoas com surdocegueira do estado.

Por falar em história, Maria de Lourdes Furtado Magalhães trabalhava como visitadora sanitária na Cruz Vermelha Brasileira, em 1940.

Com o desenvolvimento desse trabalho junto às famílias, Maria de Lourdes, ao percorrer as residências, no campo e na cidade, identificava a mesma cena: pessoas de todas as idades com deficiência, isoladas do processo de ensino e aprendizagem, que pouco saíam de casa e eram considerados incapazes. Com esse olhar atento de visitadora sanitária, Maria de Lourdes acabou

por idealizar um sonho, o desejo de ajudar essas pessoas afastadas do processo de escolarização (BOHM, 2018, p. 29).

A partir desse sonho, a escola foi fundada em 27 de setembro de 1949, e levou o nome do professor e foniatra Alfredo Dub, que veio ao município de Pelotas realizar um curso sobre os problemas da linguagem, sendo ele seu grande incentivador.³ Inicialmente a escola atendia alunos de todas as camadas sociais e alunos deficientes, sem distinção de idade e de deficiência. Naquela época, o foco do trabalho era voltado à área clínica, e os alunos eram considerados pacientes.

A escola atendeu por 40 anos crianças com deficiência intelectual, auditiva e da fala, porém, na década de 1990, houve uma solicitação da Secretaria Municipal de Educação para que o atendimento fosse restrito a somente uma deficiência em nível de escolaridade. Desse modo, optou-se pelo atendimento de pessoas surdas no Ensino Fundamental. Então, desde esse momento, a escola passou a se dedicar à educação de surdos, e a comunidade surda passou a lutar e reivindicar seus direitos dentro desse espaço.

A escola passou pelas diferentes fases da educação de surdos: oralismo, comunicação total e bilinguismo (LACERDA, 1998), sendo esta última fase a que é atualmente utilizada na escola.

Ao dedicar-se à Educação de Surdos, a escola passa por algumas mudanças e esse novo espaço torna-se um ambiente de potencialidades. A escola passa para a realidade oralista, onde os alunos eram obrigados a oralizar e não havia uma metodologia específica de alfabetização, para a então fase chamada de Comunicação Total, em que a Língua de Sinais surge como sendo uma forma de comunicação, onde o surdo utiliza sinais em determinadas situações e a língua oral em outras ocasiões. Esse período é caracterizado como um período de transição em que a comunidade surda começa a estudar e reivindicar propostas sociais, culturais e linguísticas. (BOHM, 2018, p. 31)

Assim, a comunidade surda começou a empoderar-se e a participar de diversos eventos a fim de discutir propostas para a educação de surdos, entre elas, práticas educacionais, política, identidade, cultura e formação profissional. Em 1999, foi criada a Associação de Surdos de Pelotas (ASP), que desde 2014 tem a sede dentro do ambiente da escola.

³ Informações do site da escola, disponível em: <<http://www.alfredodub.com.br/Home>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

Depois de promulgada a Lei de nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002), em que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dos surdos, o bilinguismo começa a ser utilizado na escola. A partir daí começou um novo processo de organização pedagógica em que a Libras vem a ser primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, a segunda língua (L2) na alfabetização dos alunos surdos (MOURA, 2014).

O quadro de profissionais da escola conta com professores ouvintes e surdos (sendo os últimos, todos eles, ex-alunos da escola). O fato de contar com professores surdos auxilia os alunos na construção de sua identidade surda (PERLIN, 2005), com a referência de adultos surdos, pois muitos são de famílias de ouvintes.

Para ter a vaga efetivada na escola, o aluno deve ter perda auditiva, sendo indiferente a profundidade dessa perda (leve, moderada ou severa), pois o trabalho será direcionado de acordo com as habilidades e competências de cada estudante. Na escola há alunos surdos, com deficiência auditiva, surdos com deficiências, alunos com surdocegueira e surdocegueira plus, que é a surdocegueira associada à outra deficiência. Sobre o atendimento aos alunos com surdocegueira, plus ou não, a identificação destes e um trabalho específico vêm sendo realizado nos últimos três anos.

A escola oferece atualmente o atendimento em diversos níveis: Estimulação Precoce (para crianças de 0 a 3 anos), Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), funcionando nos três turnos. Oferece ainda, para os alunos, diferentes atividades extraclasse, como culinária, teatro e balé. Para a EJA, foi montada a oficina de interesse, trazendo, por exemplo, um projeto sobre o trânsito. E, aos pais e familiares de pessoas surdas, a escola promove o curso gratuito de Libras, ministrado por uma professora surda, uma vez por semana nas dependências da escola.

Ainda no mesmo espaço físico da escola, funciona o Centro Integrado de Atendimento Educacional (CIAE), que oferece serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE), Psicologia, Serviço Social e apoio escolar aos alunos da rede regular de ensino e aos alunos da própria escola, os quais devem ser encaminhados pelos professores e são atendidos no turno inverso às aulas.

Conhecidas a história e a estrutura da Escola Alfredo Dub, no próximo tópico serão descritos os caminhos pelos quais a primeira autora⁴ deste texto trilhou até chegar à constituição da Sala de Estimulação Sensorial, onde realiza atendimento especializado aos alunos com surdocegueira.

1. Caminhos para a constituição da Sala de Estimulação Sensorial

Em 2013, a autora, pedagoga e intérprete de Língua de Sinais, trabalhava na Escola Louis Braille para deficientes visuais, no município de Pelotas, sendo na época professora de apoio, atendendo alunos da própria escola e da rede regular de ensino.

Certo dia, a coordenadora avisou que a profissional teria uma aluna nova para estimulação, chamada M.5 Ao dirigir-se ao saguão da escola e chamá-la, a autora encontrou a mãe, que a acompanhava e avisou que ela não escutava, ou seja, era surdacega. Naquele momento a professora ficou sem saber o que fazer e como agir diante da menina.

Levou-a para a sala de aula, porém, muito agitada, a aluna não parava um minuto, mexendo, cheirando e explorando o novo ambiente. Ainda em estado de choque, a professora deixou a menina continuar sua exploração, sem de fato ter trabalhado com ela naquele dia.

Estimulada por esse desafio, a professora deu início a estudos, pesquisas, participação em congressos e palestras sobre o tema surdocegueira. Realizou dois cursos profissionalizantes: de Guia-Intérprete e de Instrutor-Mediador.

O guia-intérprete é o profissional que domina diversas formas de comunicação utilizadas pelas pessoas com surdocegueira, o que lhe permite transmitir a mensagem, descrever o ambiente, as pessoas e os fatos; contextualizar e guiar essas pessoas (WATANABE et al., 2012). Ele atua com a pessoa com surdocegueira adquirida, ou seja, que manifestou essa condição depois de adquirir uma linguagem, seja oral ou gestual, fator que pode ser decorrente de síndromes em que visão e audição se deterioram gradativamente, por exemplo. “A necessidade da pessoa com surdocegueira adquirida está relacionada com a

⁴ A primeira autora será identificada somente como autora na continuidade do texto, pois a segunda autora é a sua orientadora.

⁵ O nome da menina será mantido em sigilo, preservando sua identidade. Escolheu-se a letra “M” representando a Matemática.

independência por meio de apoio e reabilitação” (McINNES; TREFFRY, 1982 apud CAMBRUZZI; COSTA, 2016, p. 18).

O instrutor-mediador é aquele que, segundo Staffordshire (1993 apud MAIA, 2004, p. 34):

[...] proporciona um suporte individual para que a pessoa surdacega seja capaz de estabelecer uma comunicação efetiva e de receber uma comunicação clara. O papel do instrutor é capacitar a criança para obter o máximo de vantagem do aprendizado e das experiências sociais e também de obter o máximo proveito do ambiente.

Esse profissional atua com pessoas com surdocegueira congênita, isto é, “[...] quando a criança já nasce com ela ou a adquire antes da aquisição de uma língua, oral ou sinalizada” (WATANABE, 2017, p. 52).

Em 2015, a professora foi transferida, passando a trabalhar na Escola Especial Professor Alfredo Dub, onde foi a professora titular da turma da aluna M. por três anos (2016 a 2018), pois a menina já estudava lá. A aluna com surdocegueira tem baixa visão e surdez, se comunica por Libras em campo reduzido, ou seja, o campo de sinalização é menor, em que os interlocutores precisam estar próximos.

Atualmente o contato continua, com dois atendimentos semanais no turno inverso, oportunidade ímpar para firmar os laços de afetividade, respeito e carinho construídos ao longo dos anos uma pela outra, essencial no processo (SILVA, 2012). No período de sua escolarização, obteve significativos avanços, tanto pedagógicos como sociais, e atualmente frequenta o 5o ano do Ensino Fundamental.

A partir do desenvolvimento deste trabalho, iniciado na Escola Alfredo Dub, em 2015, e efetivado nos anos seguintes, outros profissionais da escola começaram a solicitar auxílio para identificar alunos que teriam surdocegueira. Com a divulgação do início deste trabalho, pais de fora da escola começaram a procurar atendimento para seus filhos. Era um trabalho promissor que começava a dar seus primeiros passos.

Após solicitação da direção da escola, começaram a serem realizados atendimentos esporádicos de alguns alunos, nos quais se via a necessidade de estimulação. Quando a turma da autora estivesse com outros professores, nas aulas de Educação Física, Teatro ou Libras, por exemplo, esta usava seu tempo para o

atendimento desses outros alunos, os quais ocorriam em salas não adequadas, pois o espaço utilizado era o que estivesse vazio no momento ou, até mesmo, junto com outras professoras trabalhando com suas turmas.

Diante da grande procura por esse atendimento especializado e da importância do trabalho que vinha sendo realizado para um grupo minoritário, a equipe diretiva da escola resolveu intervir. Ao chegarem à escola, as famílias relatavam com frequência que não tinham conseguido escola que pudesse oferecer atendimento para seus filhos, que atendesse suas necessidades. A diretora, como responsável pela instituição, considerou que deveria ter na escola uma sala específica para o atendimento das pessoas com surdocegueira e surdos com deficiências.

No início de 2018, foi disponibilizada uma sala na escola para que a autora pudesse organizá-la e ajustá-la de acordo com a necessidade dos alunos. Inicialmente, esta continha apenas um armário, mas aos poucos a autora começou a estruturá-la e equipá-la. No princípio, ela conseguiu uma mesa pequena redonda, com cadeiras para crianças. A Figura 1 mostra o espaço atual da sala.



Figura 1 – Sala de Estimulação Sensorial
 Fonte: elaboração própria (2019)

Os materiais inicialmente eram produzidos pela autora, a partir de diferentes sucatas, visando desenvolver diversas habilidades. A Figura 2 mostra dois materiais, feitos com canos, papelão e prendedores.

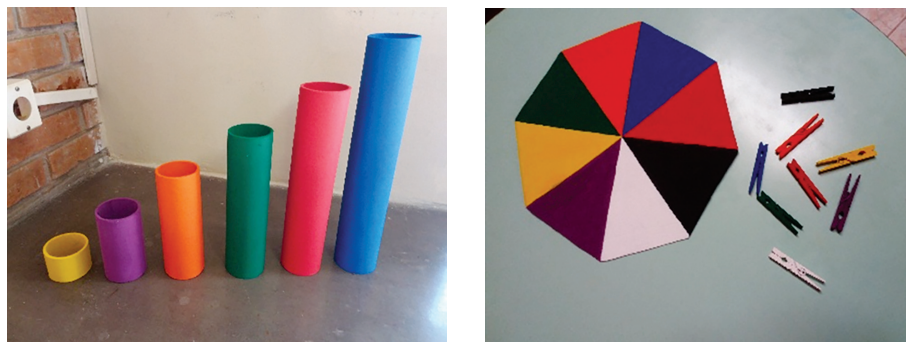


Figura 2 – Materiais reciclados
 Fonte: elaboração própria (2019)

Certo dia, algumas senhoras que participam de um grupo de apoio à escola estiveram na sala de estimulação sensorial para conhecer o novo atendimento que estava começando a ser oferecido. Elas ficaram ao mesmo tempo encantadas com o trabalho e chocadas ao verificar que a maioria dos materiais utilizados era feito de sucata, não havendo materiais comercializáveis. Então, o Grupo de Apoio Bom Pastor realizou um almoço beneficente para arrecadar verba a fim de comprar esses materiais. Além disso, a autora confeccionou chaveiros e bottons para venda. Com esses recursos, a sala ganhou novos jogos (Fig. 3) e o número de atividades desenvolvidas foi ampliado.



Figura 3 – Materiais comprados com a arrecadação
 Fonte: elaboração própria (2019)

Aos poucos a sala vem ampliando o atendimento aos alunos, bem como diversificando os materiais didáticos disponíveis, comercializáveis ou criados com sucata pela própria autora. No próximo tópico serão apresentados alguns

materiais e jogos disponíveis, as matérias-primas utilizadas e os objetivos que se pretende alcançar em cada uma das atividades.

2. Conhecendo a sala, seu público e sua potencialidade

A Sala de Estimulação Sensorial é composta por um variado conjunto de móveis e materiais, sendo um armário, uma bancada com portas, prateleiras, uma mesa pequena com quatro cadeiras, uma rede, um colchão, uma cama elástica pequena, uma bola de pilates, uma bola feijão, uma piscina de bolinhas, um pufe, almofadas, um espelho grande, um cavalinho de balanço, uma prancha, um disco de equilíbrio, vários jogos, entre outros.

Ademais, apresenta diversos materiais pedagógicos, comprados ou construídos, com os quais a autora consegue desenvolver suas atividades, atendendo o público atual, um total de sete alunos, conforme descrito no Quadro 1.

Quadro 1 – Alunos em atendimento na Sala de Estimulação Sensorial em agosto de 2019

Aluno	Idade	Nível escolar	CID*	Atendimento semanal	Como chegou à sala	Quando começou o atendimento
Aluno 1	4 anos e 4 meses	-	G 40/G 80 Q 02/ P 35.1	2×	Indicação de uma mãe da Escola Alfredo Dub	2017
Aluno 2	6 anos e 5 meses	1º ano	H 90.5	1×	Encaminhado pela neurologista	2019
Aluno 3	6 anos e 9 meses	1º ano	H 90	1×	Encaminhado pelo CRAS**	2017
Aluno 4	9 anos e 11 meses	-	Q 02/G 80 H 91/H 54	2×	Encaminhado pela Escola Louis Braille	2017
Aluno 5	11 anos e 8 meses	5º ano	H 90/Q 12 P 35/H 54 H 52	2×	Encaminhado pela Escola Louis Braille	2017
Aluno 6	12 anos e 8 meses	5º ano	H 54.2 H 91	2×	Encaminhado pela mãe	2018
Aluno 7	13 anos e 8 meses	5º ano	H 90 G 80	1×	Encaminhado pela APAE***	2018

* CID: Classificação Internacional de Doenças; traduzida do inglês International Classification of Diseases (ICD). Essas informações fazem do CID uma ferramenta de diagnóstico padrão para a epidemiologia, gestão da saúde e para fins clínicos.

** CRAS: Centro de Referência de Assistência Social; uma unidade de proteção social, onde são oferecidos serviços, programas e benefícios, com o objetivo de prevenir a ocorrência de situações de risco e fortalecer os vínculos familiares e comunitários.

*** APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

Fonte: Arquivos da escola (2019).

Cada aluno frequenta a sala em horário próprio, pois o atendimento é individualizado. As atividades realizadas abrangem desde a estimulação física e sensorial, como também estimulação visual e auditiva, equilíbrio, movimentos, postura, coordenação, controle e consciência do corpo, e psicomotricidade.

Ademais, há o atendimento na parte da linguagem, envolvendo Libras e Língua Portuguesa, estimulando formas de comunicação; e também na área da Matemática, com conceitos simples, que são fundamentais para a construção do número, conforme Lorenzato (2006).

Na sequência serão descritas cinco atividades, vinculadas às três grandes áreas. Optou-se por descrever aquelas em que os materiais foram confeccionados com matérias-primas recicláveis.

2.1 Atividade motora

Várias são as atividades motoras realizadas na sala, dependendo das necessidades de cada aluno. Aqui será descrita a *consciência corporal*.

A atividade *consciência corporal* tem como objetivos conhecer o próprio corpo e o do outro, perceber as possibilidades expressivas do corpo; desenvolver movimentos sem e com objetos; comunicar emoções e estados afetivos através do toque e do movimento; e ampliar a capacidade de expressão. Normalmente não é utilizado nenhum material, apenas o corpo do próprio aluno (Fig. 4).



Figura 4 – Consciência corporal – o corpo do outro
 Fonte: elaboração própria (2019)

Essa atividade é realizada diversas vezes para que o aluno possa ter a percepção do seu corpo. A professora senta em frente ao aluno, segura suas mãos e coloca-as em alguma parte do corpo. Na Figura 4, a professora pega a mão de uma aluna e coloca-a em sua boca, faz movimentos como assoprar, beijar e, em seguida, coloca a outra mão da aluna na própria boca, para que ela possa perceber ela mesma e o outro.

Essa atividade acontece em diversos momentos e com partes do corpo diferentes; a atividade já auxiliou a aluna em questão a alimentar-se, pois apesar de ainda precisar de ajuda, antes levava a colher aos olhos ou ao nariz, mostrando não ter percepção do próprio corpo, o que atualmente já não acontece com tanta frequência.

2.2 Atividades de linguagem

Vinculado à linguagem, o número de atividades realizadas também é grande, pois esses alunos estão em fase de alfabetização, e para cada um o processo acontece de acordo com as necessidades individuais. Aqui, serão descritas duas atividades, o *Alfabeto no cabide* e o *Alfabeto nas tampinhas*, ambas explorando o reconhecimento das letras como um dos focos.

A atividade *Alfabeto no cabide* tem como objetivos identificar as letras, conhecer a sequência alfabética, explorar a coordenação motora fina e relacionar as letras com palavras ou imagem que iniciem com ela. Os materiais utilizados são prendedores de roupa com imagens do alfabeto manual colado e escrito à mão as letras do alfabeto (Fig. 5).



Figura 5– Alfabeto no cabide
Fonte: elaboração própria (2019)

Para iniciar a atividade, a professora retira todos os prendedores do cabide e os coloca em cima da mesa, misturados. O aluno deve mostrar a letra para professora e fazer o sinal de algo que inicia com tal letra; ou, em outro momento, são dispostas diversas imagens em cima da mesa e o aluno deve procurar a imagem que começa com tal letra e colocar no prendedor, ao mesmo tempo que coloca os prendedores em ordem alfabética, trabalhando também a coordenação motora fina.

A outra atividade, *Alfabeto nas tampinhas* (Fig. 6), tem como objetivos identificar as letras; realizar a sequência alfabética; observar as semelhanças e diferenças nas letras; compreender o traçado das letras; explorar a coordenação motora fina; explorar a percepção visual; e compreender a existência da letra bastão. Os materiais utilizados são um pedaço de tábua (ou papelão) onde foram colados os encaixes das tampinhas de leite, as tampas, nas quais foram coladas as letras do alfabeto em escrita cursiva, e na própria tábua foram escritas as letras na forma bastão (letras soltas).

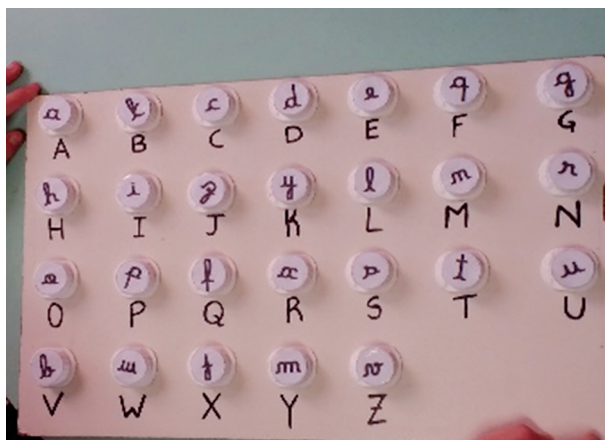


Figura 6 Alfabeto nas tampinhas

Fonte: elaboração própria (2019)

A professora retira todas as tampinhas da tábua e o aluno deve, além de seguir a sequência alfabética já estabelecida, identificar as letras cursivas e relacioná-las com a letra bastão, realizando correspondência entre os tipos de escrita das letras, além de fazer a respectiva letra no alfabeto manual (sinalizar). Nessa atividade, a criança trabalha a coordenação motora fina além de trabalhar

o movimento dos olhos, já que precisa perceber o movimento que a mão faz ao representar cada letra no alfabeto manual.

2.3 Atividades de matemática

Na área da Matemática há duas atividades descritas, denominadas *Correspondência entre cores* e *Correspondência entre tampas*, explorando um dos sete processos mentais básicos descritos por Lorenzato (2006) para a construção do número.

A atividade *Correspondência entre cores* visa trabalhar a percepção visual; identificar e reconhecer as cores; relacionar com o sinal de cada cor; corresponder elementos termo a termo; e desenvolver o raciocínio e a coordenação motora fina, além de iniciar a exploração de noções de formas geométricas. Os materiais utilizados são bolinhas de pingue-pongue pintadas, círculos coloridos de EVA, caixa de ovos e caixa plástica de doces (Fig. 7).



Figura 7 – Correspondência entre cores

Fonte: elaboração própria (2019)

A atividade é realizada da seguinte maneira: a professora faz uma sequência de cores, tirando os círculos de EVA da caixinha pequena. Ela retira as bolinhas coloridas da caixa de ovos e o aluno deve recolocá-las de acordo com a ordem que foi solicitada. O aluno deve relacionar as cores com objetos reais, além de fazer o respectivo sinal de cada cor.

A segunda atividade, *Correspondência entre tampas* (Fig. 8), tem como objetivos estimular a percepção visual e tátil e a coordenação motora fina; corresponder elementos termo a termo; relacionar o tamanho das tampas de acordo com seu encaixe; e diferenciar tamanho e forma das tampas. Os materiais utilizados são um pedaço de madeira fina (ou base de papelão grosso) e diversas tampas de produtos com seus encaixes originais.



Figura 8 – Correspondência entre tampas

Fonte: elaboração própria (2019)

O aluno faz o reconhecimento do material; após, retira todas as tampas de sua base, a professora mistura as tampas e o aluno deve recolocá-las no seu local original, realizando a correspondência. Depois, a professora coloca no aluno que tem baixa visão uma venda nos olhos, e o aluno deve, somente pelo tato, identificar pelo tamanho e pelo formato a respectiva base de cada tampinha.

Considerações finais

O trabalho desenvolvido já apresenta resultados promissores, considerando os retornos positivos das famílias quanto ao desenvolvimento de seus filhos. Porém, sabe-se que muitos alunos com surdocegueira, ou surdos com deficiência, ainda não se beneficiam de atendimento especializado, já que o trabalho realizado na escola é desconhecido por muitos.

Esse atendimento especializado teve início com uma aluna e, atualmente, já conta com sete, bem como permanece a procura por outros sujeitos

com surdocegueira para que possam ter um atendimento de acordo com suas necessidades. A equipe da escola quer buscar essas pessoas na cidade e na região para oferecer um ensino que respeite suas diferenças, com a proposta de que todos podem aprender desde que sejam respeitadas sua individualidade e sua potencialidade.

Com a divulgação desse atendimento em diversos locais, como rádio, jornal, palestras e eventos, muitas pessoas têm procurado auxiliar na melhoria da sala e na difusão do trabalho.

Desde que as discussões sobre o tema iniciaram, houve uma ampliação tanto dentro como fora da escola. Ainda são poucos alunos e somente uma profissional com qualificação especializada para esse tipo de atendimento, espera-se que o poder público perceba a importância desse trabalho, realizado com um grupo minoritário da sociedade, e possa oportunizar a capacitação para mais profissionais, a fim de que juntos possam oferecer uma educação de qualidade para todos, respeitando a individualidade e acreditando no potencial de todos os sujeitos.

REFERÊNCIAS

BOHM, F. C. *Multiplicação: ensinar e aprender em turmas de alunos surdos do Ensino Fundamental na Escola Especial Professor Alfredo Dub*. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: [http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4572/1/d_2016__Fabiane.pdf]. Acesso em: 25 ago. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm]. Acesso em: 06 jun. 2019.

CAMBRUZZI, R. de C. S.; COSTA, M. da P. R. da. *Surdocegueira por síndrome de Usher: recursos pedagógicos acessíveis*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

LACERDA, C. B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cad. CEDES [online]*, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68-80, set. 1998. Disponível em: [<https://goo.gl/uW6NmZ>]. Acesso em: 25 ago. 2019.

LORENZATO, S. *Educação infantil e percepção matemática*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MAIA, S. R. *A educação do surdocego: diretrizes básicas para pessoas não especializadas*. 2004. 93 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

MOURA, M. C. Surdez e linguagem. In: LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2005. p. 51-73.

SILVA, A. M. de B. *Heldy meu nome: rompendo barreiras da surdocegueira*. São Paulo: Editora Hagnos, 2012.

WATANABE, D. R.; FIGUEIRA, E. A. A. S.; LOURENÇO, S. M. E. Guia-intérprete, função e técnicas de interpretação. In: WATANABE, D. R.; MAIA, S. R. (Orgs.). *Projeto Pontes e Travessias – formação continuada: curso de aperfeiçoamento em guia-interpretação*. São Paulo, 2012.

WATANABE, D. R. *O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: [<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-13062017-112304/>]. Acesso em: 28 ago. 2019.